



GT 09. Antropologia das Mobilidades

Coordenador(es):

André Dumans Guedes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Candice Vidal e Souza (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Sessão 1

Debatedor/a: John Cunha Comerford (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Cristina Patriota de Moura (UNB - Universidade de Brasília)

Este grupo de trabalho pretende abrigar e pôr em relação pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. É nossa pretensão dialogar com trabalhos que abordem as formas, significados, experiências, narrativas e práticas de mobilidade em contextos os mais diversos: nas grandes metrópoles ou nas roças, nas matas ou águas, em aldeias ou instituições modernas, nas estradas e caminhos conectando ou localizando-se “entre” lugares como esses. Buscaremos assim aproximar trabalhos oriundos de distintos subcampos da antropologia: a etnologia indígena; a antropologia urbana ou feita nas cidades; os estudos do campesinato e dos povos e comunidades tradicionais; a antropologia da economia, da política, do estado ou da ciência. Inspirados por certas abordagens pioneiras surgidas nos estudos sobre o campesinato brasileiro, iremos privilegiar investigações onde a análise dessas múltiplas formas e modalidades de movimento esteja orientada pelas reflexões, linguagens e formas expressivas de que se servem aqueles (ou aquilo) que se encontra em movimento. Sugerimos igualmente que os trabalhos apresentados contemplem questões referentes à articulação das mobilidades com a organização de coletivos, identidades e institucionalidades; às desigualdades nas capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover (ou não se mover) decorrentes de diferenças de classe, gênero, geração, etnia ou filiação religiosa; ou às inovações e problemas metodológicos associados ao estudo das mobilidades.

De onde vêm e para onde vão as mulheres? Os tempos da vida contados no ônibus

Autoria: Nildamara Theodoro Torres (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Carly Barboza Machado

O presente artigo propõe um estudo da circulação das mulheres nos ônibus entre as cidades de Pirai e Barra Mansa - RJ, a partir da rota de um ônibus que atravessa esta região e mobiliza atores e situações. Busco analisar o cotidiano das mulheres a partir da dinâmica do tempo das cidades, regulado e regulamentado pelo transporte urbano. Através de uma Antropologia em movimento trago as narrativas e as cenas cotidianas que compõem as experiências de mulheres como as demandas reprodutivas e do work remunerado. No que tange a circulação das mulheres no espaço público das ruas e principalmente dos ônibus, foi possível perceber que todas as mulheres têm seus corpos atravessados por condutas morais e isso afeta seu comportamento dentro e fora dos ônibus. Estar em movimento me aproxima do work de Lenin Pires (2011), que descreve a precariedade dos trens junto à funcionalidade da convivência entre passageiros e comerciantes dos transportes coletivos. Vemos aparecer novos problemas investigativos associados a um pensar nômade. André Dumans Guedes (2013) segue o curso desta novidade no horizonte das disciplinas interessadas nos trânsitos pelo espaço e valoriza uma metodologia de microanálise da história. Dentre outras referências, a pesquisadora Janice Caiafa (2002) também mergulhou no universo do transporte urbano na cidade do Rio de Janeiro e com muita delicadeza e estudou as viagens de ônibus na cidade descrevendo



aspectos importantes dos percursos. O "andar de ônibus", representa mais do que o deslocamento e a mobilidade das pessoas de um lugar para o outro. Ele também acarreta um conhecimento da cidade em seu âmbito mais profundo. E dentro dele encontram-se mulheres que passeiam, estudam, trabalham, movimentam e articulam o território, estabelece-se regras e limites de convivências sociais, bem como proporciona o encontro de realidades distintas e idas e vindas dos seus atores nos espaços urbanos. Ao longo deste work apresentarei situações que evidenciam como pequenas escolhas condicionam a circulação das mulheres e seu deslocamento na cidade. Deste modo, as mulheres travam uma luta incessante contra o relógio, tentando administrar sua vida cotidiana e o uso da rua, do bairro e da cidade por elas, mesmo com o work "fora", ainda hoje está muito ligado ao papel de gestora do lar, isto é, a utilização das estruturas de educação, saúde, alimentação e subsistência do grupo familiar. Por último, trago o resultado da minha própria transformação enquanto pesquisadora e passageira desses ônibus a partir da experiência vivida com essas mulheres diariamente, e também, deixo em aberto questões para serem trabalhadas no futuro.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: